

O NATURALISMO DE NIETZSCHE E A QUESTÃO DA LINGUAGEM: A VERDADE COMO ILUSÃO METAFÓRICA

Antonio Joel Lima da Silva¹

RESUMO: Pretende-se discutir, a partir de Nietzsche, a natureza do conhecimento e da linguagem, expondo sua incapacidade de conter a verdade sobre as coisas. Isso requer um breve esclarecimento do traço naturalista do pensamento de Nietzsche, que chamaremos aqui de *modos operandi*, descrito nas obras: *A Gaia Ciência e Sobre Verdade e Mentira num Sentido Extra-moral*. Nestas obras, Nietzsche discute a forma como o intelecto humano formou-se, dizendo que suas construções (linguagem/conhecimento) não passam de um impulso à conservação da espécie humana. Para Nietzsche, tudo que a linguagem produz não passa de um antropomorfismo que fazem referência às relações humanas.

PALAVRAS-CHAVE: Naturalismo, Linguagem, Conhecimento, Verdade, Metáfora.

NIETZSCHE'S NATURALISM AND THE QUESTION OF LANGUAGE: TRUTH AS A METAPHORICAL ILLUSION

ABSTRACT: We intend to discuss, from Nietzsche, the nature of knowledge and language, exposing its inability to contain the truth about things. This requires a brief clarification of the naturalistic trait of Nietzsche's thought, which we will call here *modes operandi*, described in the works: *A Gaia Ciência and On Truth and Lies in an Extra-Moral Sense*. In these works, Nietzsche discusses the way in which the human intellect was formed, saying that its constructions (language/knowledge) are nothing more than an impulse to preserve the human species. For Nietzsche, everything that language produces is nothing more than an anthropomorphism that makes reference to human relationships.

KEYWORDS: Naturalism, Language, Knowledge, Truth, Metaphor.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo pretende discutir, a partir de Nietzsche, a natureza do conhecimento e da linguagem, expondo a incapacidade de tais produtos da razão em conter a verdade sobre as coisas. Nesse sentido, esta pesquisa gira em torno da questão da linguagem em Nietzsche, já que para o filósofo, a verdade cristalizada na cultura humana só é possível dentro da legislação da linguagem. Assim, objetiva-se demonstrar brevemente como Nietzsche naturaliza a questão

¹Especialista em Metodologia de Ensino da Filosofia e Sociologia e Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Pará - UFPA

da linguagem, ao demonstrar que ela nada mais é do que um produto da razão e principal via de cristalização da verdade.

Para essa empresa, pensa-se ser interessante expor um aspecto metodológico do pensamento de Nietzsche - é claro que isso não pode significar o esgotamento do tema metodológico nietzschiano. Nesse caso, o naturalismo é debatido aqui como um traço importante do pensamento de Nietzsche, pois traz consigo a exigência de se clarear a relação entre Nietzsche e a ciência de sua época. Desse modo, o debate sobre o caráter naturalista da filosofia de Nietzsche dar-se-á a partir do esclarecimento do que chamaremos aqui de *modos operandi* ou pressupostos metodológicos nietzschianos, descritos nas obras: *A Gaia Ciência e Sobre Verdade e Mentira num Sentido Extra-moral*.

Nestas obras Nietzsche discute a natureza da linguagem, do conhecimento e a forma como o próprio intelecto humano foi formado. Com isso, Nietzsche constata que tanto a linguagem, quanto o próprio conhecimento são construções/invenções do intelecto humano; e, portanto, não podem ser tomados como instâncias livres e efetivas. Assim, o movimento de naturalização acontece a partir da compreensão de que a verdade que o homem pensa alcançar por meio da linguagem e do conhecimento são, em última análise, construções que possuem sua força na sua antiguidade e no tempo de disseminação que tanto a linguagem como o conhecimento passaram, até que a ideia de verdade surgisse como uma obrigação sócio-cultural.

Essas considerações mostraram que Nietzsche descreve a linguagem como um impulso à conservação da espécie; além de nos possibilitarem a compreender o modo em que Nietzsche posiciona a linguagem enquanto produto humano que, a partir do desenvolvimento da lógica, cria ilusões metafóricas com pretensões efetivas.

Nesse sentido, a linguagem como produto da razão não seria capaz de conter a efetividade das coisas - isto é, a essência ou a verdade das coisas -, pois enquanto mera invenção do intelecto humano, tudo que a linguagem produz não passaria de um imenso conjunto de metáforas, metonímias, antropomorfismo que fazem referência às relações humanas, uma vez que foram cristalizadas e canonizadas. Ora, para Nietzsche, as verdades são ilusões que ganharam tal status porque os homens esqueceram da sua real origem. Mesmo assim, é importante deixar claro que não é pretensão deste artigo sugerir que Nietzsche propõe uma reformulação da linguagem em termos gramaticais; trata-se apenas de demonstrar como Nietzsche evidencia e denuncia o modo em que a linguagem, totalmente envolta nos moldes do

pensamento metafísico tradicional, é utilizada para fins antinaturais - por assim dizer -, já que a verdade além de ser inalcançável é, em si mesma, uma ilusão metafórica.

2. O MODOS *OPERANDI* DE NIETZSCHE: O MOVIMENTO DE NATURALIZAÇÃO

Muitos intérpretes de Nietzsche consideram-no um filósofo que não pode ser encaixado ou determinado a partir do sistema tradicional da filosofia ou da tradição filosófico-cultural de seu tempo. Assim, Nietzsche seria uma espécie de pensador que segue na contramão do pensamento de sua época, isto é, ele seria um “filósofo crítico da cultura.” (MURCY, 1993, p. 664) Nesse caso, a filosofia para Nietzsche seria uma espécie de exercício para andarilhos que seguem em busca de um movimento de contramão à opinião pública, conforme pode-se observar:

Filosofia para Nietzsche é exercício, busca para quem tem pernas fortes, para andarilho acostumado a marchar contra o vento da opinião pública, contra o seu tempo. Ocupação para intempestivos, esses" que não se sentem cidadãos do tempo presente" \ Eu diria, esses que se dispõem ao imperativo de "escovar a história a contrapelo" ^ . Pois esse que tem pernas para escalar montanhas e coragem para afastar-se, para ser um "filósofo solitário", inatural, o único capaz de salvar a sua época ao lhe propor aquelas" questões insólitas" {ungewohlichen Fragen} sobre o sentido da vida, da vida que ela leva — é o filósofo crítico da cultura. (MURCY, 1993. p. 664)

Além de ser caracterizado como um pensador intempestivo, Nietzsche também possui particularidades em sua maneira de escrever, já que sua escrita é aforismática. No entanto, a peculiaridade que o envolve não se restringe apenas à sua maneira de escrever, mas estende-se à sua visão naturalista da vida, do mundo e de como o homem está implicado nesse contexto.

Sendo assim, nesta seção buscaremos enfatizar brevemente alguns aspectos do que podemos chamar de *modos operandi* de Nietzsche. Isso será feito a partir de duas ações: a primeira busca descrever brevemente o caráter naturalista do seu pensamento ou o naturalismo como traço do seu pensamento; assim, o naturalismo será apresentado, aqui, como um aspecto importante para que se compreenda o modo em que a filosofia de Nietzsche age ao abordar temas da razão, como a questão da linguagem, da verdade e do conhecimento, por exemplo; para, depois - na segunda ação -, tentar descrever como essa naturalização acontece ao expor alguns aforismos encontrados em *A Gaia Ciência*. Ou seja, queremos demonstrar como Nietzsche age, em sua filosofia, a partir do que podemos chamar de características metodológicas de seu pensamento, i. e., trata-se de indicar alguns pontos da base metodológica

e procedimental em que o autor de *Zarathustra* se apoia para desenvolver sua maneira de filosofar.

2.1 O NATURALISMO DE NIETZSCHE

É comum na filosofia que os filósofos, principalmente, os de grande envergadura, como é o caso de Nietzsche, tenham um modo de agir que determine metodologicamente o seu pensamento. No caso de Nietzsche, é comum que alguns intérpretes classificam o seu pensamento como sendo de forma naturalista (ou pelo menos admitam que o naturalismo faz parte dos traços do pensamento nietzschiano). Por isso, antes de expor alguns de seus aforismos na tentativa de demonstrar como se dão os traços naturalistas da filosofia de Nietzsche, acreditamos, antes de tudo, ser importante descrever brevemente o que seria o seu naturalismo.

O naturalismo é descrito por Schacht (2011) como um traço importante do pensamento nietzschiano e, por essa razão, não deve ser confundido nem disseminado erroneamente, e mesmo que seja prudente, segundo Heit (2015), não se aplicar denominadores quando tenta-se definir teoricamente o pensamento de Nietzsche, já que o próprio filósofo não autodenomina-se naturalista, nem perspectivista, etc., mesmo assim, aqui defenderemos a mesma posição de Schacht (2011), que faz uma espécie de diferenciação entre o naturalismo originariamente nietzschiano e outras interpretações do traço naturalista atribuídos à filosofia de Nietzsche como o naturalismo cientificista e o mecanicista, por exemplo.

Para iniciar o debate, retomaremos a proposição de Schacht (2011), quando diz que o naturalismo de Nietzsche não pode ser confundido com qualquer naturalismo presente no meio filosófico, conforme segue:

[...] existem muitas coisas chamadas “naturalismo” na literatura filosófica; e seria um erro supor que qualquer uma delas em particular é aquela esposada por Nietzsche, ou a qual ele tenderia – especialmente porque existem alguns tipos de naturalismos dos quais ele é bastante desdenhoso, e até contundentemente crítico. Por exemplo, há o tipo “mecanicista” que ele chama de uma das mais estúpidas maneiras de apreciar e interpretar a música (mas não só a música) no livro V da segunda edição de *A Gaia Ciência* (FW/GC 373, KSA 3.626), assim como o tipo que ele atribuiu (em *Para Além de Bem e Mal*) aos “Naturalisten” cuja inépcia é tal que “mal tocam a alma e a perdem” (JGB/BM 12, KSA 5.27). Assim precisamos considerar eu tipo de naturalismo é o seu. (SCHACHT, 2011, p. 37)

Notoriamente, Nietzsche rechaça certos tipos de naturalismos, confirmando, assim, a necessidade de esclarecimento acerca de qual tipo de naturalismo é o seu, conforme diz Schacht. Mas afinal, qual seria o naturalismo presente no pensamento de Nietzsche? Quanto a isso, o

próprio Nietzsche dá-nos uma possibilidade de compreender sua visão naturalista em um trecho do aforismo 109 de *A Gaia Ciência*, que diz:

Quando é que todas essas sombras de Deus não nos obscurecerão mais a vista? Quanto teremos desdivinizado completamente a natureza? Quando poderemos começar a naturalizar os seres humanos com uma pura natureza, de nova maneira descoberta e redimida? (GC § 109)

Este indicativo é, na verdade, uma evidência do traço naturalista pertencente ao pensamento de Nietzsche, o indicativo é a desdivinização da natureza, dando ao homem e o mundo uma possibilidade de utilizar-se de uma visão de mundo livre de determinações que lhe escapem a compreensão. Posto isso, é possível compreender que o naturalismo de Nietzsche tende a descrever as coisas a partir de seu estado mais autêntico – por assim dizer – ou pela sua natureza livre de pressuposições divinas ou de quaisquer sentenças que busquem atribuir às coisas uma natureza suprassensível.

Sobre a naturalização das coisas e do homem, segundo Schacht (2011), esta seria uma tarefa que teria o objetivo de retraduzir o homem de volta na natureza, em outras palavras: o naturalismo de Nietzsche, busca descobrir como os seres humanos realmente funcionam, sem o apoio moral da religião ou de qualquer outro tipo de pensamento criacionista. Nietzsche “[...] parece ter entendido corretamente, em contornos amplos, diversos pontos acerca da psicologia moral humana” (KARASEK, 2001, p. 01). Schacht (2011) pensa o naturalismo de Nietzsche como uma espécie de visão que estabelece um limite entre aquilo que as coisas são em sua natureza e todo tipo de crença dogmática, mesmo a crença científica-natural - então, veremos que Nietzsche não rechaça a ciência, entretanto, há certas objeções entre o seu naturalismo e os pressupostos científicos. Assim, Schacht também acaba determinando os termos que diferenciam o naturalismo de Nietzsche com o naturalismo científicista:

O naturalismo de Nietzsche é um tipo de naturalismo que respeita as *Wissenschaften* e se vale delas – incluindo sem sombra de dúvidas as ciências da natureza -, mas que não se identifica com elas, não deposita nelas todas as suas esperanças, e nem tampouco extrai delas todas as suas inspirações. Este tipo de naturalismo está determinado a levar em conta a investigação científica e o que pode ser apreendido e entendido através dela. Mas de forma alguma postula, ou mesmo supõe que não possa haver algo mais sobre a realidade humana e sobre o mundo no qual nos encontramos [...]. (SCHACHT, 2011, p. 39)

O principal ponto de diferenciação entre o naturalismo de Nietzsche e o científicista é justamente o fato de que Nietzsche não compreende a ciência da natureza como detentora da

última palavra sobre a realidade humana e do mundo. Retraduzir o homem de volta na natureza então não é sair de um estado dogmático em âmbito metafísico-filosófico, para simplesmente cair em outro estado de dogmatismo: o cientificista - aquele que crê na ciência como última instância capaz de ditar os termos que explicam a realidade humana e do mundo.

Nesse sentido, também devemos evitar em pensar a naturalização do homem e do mundo como sendo um reposicionamento das coisas para a sua natureza enquanto verdade ou essência. Por isso, Heit (2015) alerta-nos da necessidade de compreender o que é a natureza dentro dos parâmetros do naturalismo de Nietzsche, ao advertir:

[...] o naturalismo substantivo é baseado em um certo entendimento da natureza, o que por sua vez causa problemas. *Geert Keil e Herbert Schnädelbach* apontam para um equívoco em relação ao termo 'natureza', tal como é usado no naturalismo. Falar a respeito da 'essência', 'substância' ou 'natureza' de algo não deve ser confundido com 'natureza' enquanto aquilo que é material, ao redor ou internamente ao mundo natural (*Keil / Schnädelbach* 2000, 19). A fala de Nietzsche sobre a vontade de poder, por exemplo, não parece particularmente naturalista, ao menos não a primeira vista. Entretanto, se o naturalismo assume que não há nada além da natureza e todo e qualquer conceito deve ser reconstruído naturalisticamente, permanecemos com a questão do que é natureza. A natureza é o domínio do senso comum ou da física quântica, ou da história e sociedade, ou apenas da física e biologia? Responder que natureza é aquilo que o naturalismo assume enquanto tal seria recair em circularidade. (HEIT, 2015, p. 237)

A compreensão da natureza é apresentada por Heit como algo crucial e determinante para compreender qual espécie de naturalismo é o de Nietzsche, bem como para que não se caia em erros de interpretação sobre o que é (e do que se trata) o naturalismo de Nietzsche. Assim, é possível pensar em uma diferenciação entre o conceito de natureza abordado no naturalismo substancial e o apresentado por Nietzsche. Ora, o naturalismo substancial possuiria um cunho ontológico e trata da essência enquanto natureza. Em contrapartida, o naturalismo de Nietzsche descreve a natureza como matéria que está ao redor ou inteiramente no mundo (HEIT, 2015, p. 237), ou seja, seria o funcionamento do homem diante de si mesmo e do mundo, livre de qualquer pressuposto onto-teológico.

Esse debate que põe o conceito de natureza como centro, traz consigo uma outra questão: compreender a natureza como domínio das ciências naturais indicaria que o naturalismo seria circundante, uma vez que pensar o naturalismo como uma forma de descrever a realidade tendo em vista às coisas enquanto matéria, seria dizer também que a ciência seria o seu guia, e o naturalismo seria apenas mais um aspecto da própria ciência. Entretanto, como já visto acima, Nietzsche apesar de possuir afinidade com a ciência, não vê seus pressupostos

como definitivos na descrição da realidade, ou como diz Heit (2015): o mantra que pensa a ciência como guia naturalista não é a última palavra de Nietzsche. Afinal, como essa relação de Nietzsche com a ciência podemos, então, entender e, a partir disso, também compreender o traço naturalista de Nietzsche?

Esta relação é pensada por Heit da seguinte forma:

Ele avança na ideia de uma continuidade gradual e convida a “novas versões e refinamentos da hipótese da alma”. Termos como “‘alma mortal’, ‘alma como pluralidade do sujeito’ e ‘alma como estrutura social dos impulsos e afetos’ querem ter, de agora em diante, direitos de cidadania na ciência” (BM/JGB 12). Esse conceito de um contínuo orgânico é, como disse acertadamente Günter Abel, “uma naturalização para além da dicotomia metafísica transcendente e reducionismo fiscalista”. A seção seguinte 13 recomenda um modelo dinamicamente agonístico de natureza viva ao fisiologista do futuro (ao invés de postular um desnecessário instinto de autopreservação) e dá a ele seu nome: “a vida mesma é vontade de poder” (BM/JGB 13). Desse modo, basicamente, a questão da natureza do homem parece resolvida. No lugar do velho antagonismo entre corpo e alma e entre razão e natureza Nietzsche defende um contínuo naturalista de organização fisio-psicológica. O filósofo aparece como representante de um naturalismo anti-reducionista, todavia contaminado pela linguagem intencionalista e antropomórfica da ‘vontade de poder’, mas, para todos os fins, ainda um naturalismo. (HEIT, 2015, 243)

A relação entre naturalismo cientificista e o traço naturalista apresentado por Nietzsche, pode ser compreendida ao observar-se a questão da linguagem e como a ciência (da época de Nietzsche) ainda se apoia em conceitos não-naturalistas. Em outras palavras: enquanto para a ciência a explicação da natureza do homem ainda busca fontes em conceitos como alma e seus postulados. Para Nietzsche, no entanto, a partir da vontade de poder, haveria uma relação dinâmica e agonística entre impulsos e necessidades que correspondem aos processos fisiológicos do homem, i. e., Nietzsche concorda com os avanços cientificistas, uma vez que eles mesmos já estariam trilhando um caminho totalmente depurado – por assim dizer – de qualquer sombra de Deus ou de suas influências.

Assim, o naturalismo de Nietzsche, segundo Heit, seria anti-reducionista e, ainda que em conformidade com alguns aspectos metodológicos da ciência, o naturalismo de Nietzsche não pode ser compreendido como um naturalismo cientificista, pois, para além desses termos anti-divindades, há, da parte de Nietzsche contra a ciência, a questão da falta de perspectiva filosófica, isso no sentido de ter autonomia para estabelecer valores ou hierarquia de valores, bem como diz Heit:

Nietzsche nega a possibilidade de uma visão de mundo científica independente e autossustentada, pois a ciência pela ciência é incapaz de criar metas. Recursos não científicos são requeridos mesmo para colocar os objetivos da investigação científica, ainda mais com relação a metas abrangentes de cunho social ou cultural. Tal como posteriormente foi explicitado por Max Weber, Robert Merton e outros, Nietzsche igualmente entende a ciência como instituto de valor neutro. Embora problemas e enigmas surjam dos processos de pesquisa científica eles mesmos e agucem novos interesses cognitivos, a questão de se e até que ponto explorar e buscar conhecer algo específico é válido, não é respondida através o conhecimento científico. A ciência pode ser o melhor conselho ao se buscar os meios mais adequados para alcançar nossos objetivos; o raciocínio científico também pode indicar tensões e inconsistências no interior de nossa hierarquia de valores e metas. No entanto, colocar esses valores a ciência não pode. (HEIT, 2015, 251)

Segundo Heit (2015), a questão que diferencia a visão naturalista na ciência e em Nietzsche consiste na diferença entre ciência e filosofia, pois, para Nietzsche, segundo Heit, a ciência não possui a capacidade de inferir valor às coisas, ou seja, a ciência não poderia estabelecer uma visão de mundo autossustentada ou, em outras palavras, faltam recursos valorativos para a ciência, e essa incapacidade de definir valores seria o principal motivo, segundo Heit, para que Nietzsche não concordasse com o mantra científico que pensa na ciência como guia definitivo das questões que tentam explicar o mundo (ou no caso da filosofia emitir valor ao mundo). Assim, a ciência com seus métodos e processos teria em seu modo o papel de fornecer respostas às perguntas de caráter neutro; a filosofia, ao contrário, estaria em uma ordem superior, pois “[...] definir uma hierarquia de objetivos de ação, incluídos objetivos de pesquisa, permanece essencialmente um problema filosófico.” (HEIT, 2015, p. 250)

Em suma, o naturalismo como traço do pensamento de Nietzsche não pode ser entendido apenas como uma extensão do método científico natural, como também não pode ser confundido com uma espécie de naturalismo substancial, metodológico ou mesmo cientificista. Estar em consonância com as descobertas científicas e aceitá-las enquanto resultados possíveis não é, nesse caso, o mesmo que adotar a ciência como guia definitivo e, portanto, não se pode simplesmente aceitar que o naturalismo de Nietzsche é o da ciência e seus métodos.

Assim, este breve debate acerca do tipo de naturalismo de Nietzsche é finalizado ao ser pensando como algo que vai além da neutralidade científica no que tange a definição de valores, pois, como vemos anteriormente, para Nietzsche a ciência seria incapaz de inferir uma visão de mundo autossustentada, isto é, a ciência seria incapaz de impor uma hierarquia de valores às coisas. Assim, o tipo de naturalização das coisas na ciência – e no naturalismo a ela correspondente - difere-se do tipo de naturalização presente no pensamento de Nietzsche na questão dos valores: enquanto a ciência é neutra e sua naturalização também é neutra - por isso incapaz de atribuir valor -, a naturalização de Nietzsche é valorativa e reconstrói valores sob a

perspectiva natural; como exemplo temos a questão da moral que em uma perspectiva anti-naturalista assume um status de ordem absoluta, de lei, de prescrição externa ou divina; já a moral pensada sob a perspectiva naturalista de Nietzsche é compreendida a partir de sua gêneses, ou desmistificada e descrita a partir de como surgiu, isto é, a partir de sua genealogia.

2. 2 A NATURALIZAÇÃO DOS VALORES PRESENTE NOS AFORISMOS 109 E 110

O naturalismo foi descrito como um traço presente no pensamento de Nietzsche, bem como foi dito que ele possui como finalidade retraduzir o homem na natureza (SCHACHT, 2011). Nesse sentido, pensa-se, aqui, que o projeto de transvaloração dos valores que Nietzsche promove também possui como via para seu desenvolvimento os princípios e aspectos naturalista, isto é, o movimento filosófico de Nietzsche busca naturalizar o homem e o mundo, a partir da tendência de refazer os conceitos e pensamentos filosóficos, sob a ótica naturalista.

Assim, busca-se descrever aquilo que seria o *modos operandi* do pensamento de Nietzsche a partir da demonstração de como o movimento de naturalização acontece. Isto posto, uma primeira evidência do *modos operandi* de Nietzsche pode ser encontrada em *A Gaia Ciência*, onde o filósofo usa dois aforismos (os aforismos são: 109 e 110) para descrever: 1) o que seria a naturalização da vida e 2) a natureza da razão e demonstrar como a razão cria ilusões – assim como cria o conhecimento-, além de descrever todos os atos e atributos da razão como processos e ações desenvolvidas pelo intelecto em virtude da conservação da espécie humana. Nesse sentido, podemos já aqui apontar para uma abertura de caminho que possibilite o debate sobre a natureza da linguagem em Nietzsche, a saber: a naturalização da racionalidade humana. Entretanto, é necessário ainda compreendermos como esta naturalização da razão, feita por Nietzsche em GC, acontece, para depois determinarmos os desdobramentos que tal naturalização implica.

Primeiramente, chamar-se-á, aqui, de “naturalização” o movimento feito por Nietzsche que descreve as coisas em seu estado natural, isto é, as coisas são compreendidas de modo despojado de qualquer mistificação, ilusão, ou caráter divino que a elas possam ser atribuído. Dessa feita, analisaremos os aforismos presentes em GC, iniciando pelo aforismo 109, que diz:

Guardemo-nos de pensar que o mundo é um ser vivo. Para onde irá ele expandir-se? De que se alimentaria? Como poderia crescer e alimentar-se? [...] Guardemo-nos de crer também que o universo é uma máquina: certamente não foi construído como um objeto, e usando a palavra “máquina” lhe conferimos demasiada honra. Guardemo-

nos de pressupor por toda parte uma coisa tão bem realizada como os movimentos cíclicos dos nossos astros vizinhos; um olhar sobre a Via Láctea já nos leva a perguntar se lá não existem movimentos bem mais rudimentares e contraditórios, assim como astros de trajetória sempre retilínea e outras coisas semelhantes. [...] O caráter geral do mundo, no entanto, é caos por toda eternidade, não no sentido de ausência de necessidade, mas de ausência de ordem, divisão, forma, beleza, sabedoria e como quer que se chamem nossos antropomorfismos estéticos julgados a partir da nossa razão, os lances infelizes são a regra geral. [...] Guardemo-nos de atribuir-lhe insensibilidade e falta de razão, ou o oposto disso: ele não é perfeito, nem belo, nem nobre e não quer tornar-se nada disso, ele absolutamente não quer imitar o homem! (GC §109)

Este aforismo possui vários aspectos que nos auxiliam na compreensão do modo em que Nietzsche age ao naturalizar as questões da razão. A evidência disso está no trecho do aforismo em questão, pois tal trecho movimenta-se como um manual que descreve a natureza do universo e, ao mesmo tempo, demonstra que muito do que lhe é atribuído não passa de antropomorfismo, ou – em outras palavras – criação da nossa razão.

Sendo assim, a primeira evidência de como Nietzsche naturaliza as questões da razão está na desmistificação do pensamento que vê o universo como um organismo vivo e como uma máquina. O problema dessas atribuições, segundo consta no supracitado aforismo 109, está na inapropriada tentativa de adequar ao universo às características que são próprias do homem. Tais atribuições, na perspectiva de Nietzsche, são propostos

[...] em favor de uma atitude que denota a percepção de que “nada que ocorre no mundo é divino, ou mesmo acontece segundo uma medida humana racional, misericordiosa ou justa”, que sabe “que o mundo que vivemos é não divino (ungöttlich), imoral, ‘inumano’ (unmenschlich)”, assim como que “por um tempo demasiado longo nós refletimos falsa e mentirosamente – segundo nossos desejos e vontades de veneração – ou seja, segundo nossas necessidades”. (DE BARROS, 2020, 429)

Por isso, Nietzsche diz que devemos nos guardar de pensar o mundo como um ser vivo, pois, esse tipo de pensamento implica dar ao universo não somente características que são próprias do homem, como também requer que as necessidades humanas sejam pensadas como próprias do universo. Assim, alimentar-se, reproduzir-se, expandir-se, etc., seriam necessidades que o universo teria que satisfazer em si mesmo, como um ser vivo o faz; e isso, para Nietzsche, é repugnante e representaria apenas uma necessidade da razão de atribuir às coisas sentenças meramente humanas.

Notoriamente, Nietzsche está desmistificando algumas qualidades que atribuímos ao universo, entretanto, quando o autor de *Zarathustra* diz que devemos, também, guardar-nos de

conferir ao universo a condição de máquina, ele está fortalecendo o seu próprio movimento de naturalização das questões da razão; já que máquina é um objeto-produto criado com finalidades e, por isso, possuem uma essência prévia a sua criação. As máquinas seriam então coisas perfeita e acabadas; e, por esse motivo, o mundo ou o universo não pode ser entendido ou compreendido como uma máquina. O motivo dessa inadequada atribuição seria o fato de que, para Nietzsche, o caráter geral do mundo não seria a perfeição de leis e de razões prévias, mas o caráter geral do mundo seria o próprio caos.

O caos seria a negação das características humanas atribuídas ao universo, tais como: ordem, beleza, forma e sabedoria. Além destas qualidades humanas atribuídas ao universo, Nietzsche também diz que devemos nos guardar de pensar o universo como algo insensível e sem razão, pois todas estas qualidades não passam de nomeações antropomórficas, e o universo mesmo não é belo, nem sábio, nem equilibrado ou sensível; o universo não é o homem, nem sequer é um ser vivo, e, como disse Nietzsche: ele não quer imitar o homem.

Diante de tais argumentos, pode-se dizer que o que o homem faz, segundo Nietzsche, é lançar sobre o universo lances infelizes. Ora, lances infelizes seriam as sentenças racionais que tentam dizer o que o universo é, a partir de conceitos que, por sua vez, de acordo com Nietzsche, não passam de nomeações antropomórficas que possuem a tentativa de atribuir qualidades humanas ao mundo. Esse é o motivo que leva Nietzsche a dizer que a regra geral do homem é lançar sentenças que são infelizes pelo fato que mais representam uma censura ao que o universo é do que alcançam uma verdade sobre ele. Assim, para o autor de *Zarathustra*, o homem em toda tentativa de qualificar as coisas, não passa de apenas impor censuras antropomórficas, pois, do universo nada mesmo ele deixa e faz compreender, entretanto, ao atribuir-lhe a racionalidade humana, acaba censurando-o no que ele realmente é: caos e necessidades.

No aforismo 110 de GC, Nietzsche lança um debate acerca da origem do conhecimento, e levanta argumentos que naturalizam o modo como a razão elabora o conhecimento ao dizer que durante enormes intervalos de tempos, isto é: durante todo processo de formação do intelecto, a razão nada mais produziu do que erros. Esta é, para este trabalho, uma deixa importante para, na próxima seção, emprendermos o debate acerca da linguagem como outro produto da razão que, como tal, também produz erros como a verdade, por exemplo.

Vejamos o que aforismo 110 diz:

Durante enormes intervalos de tempo o intelecto nada produziu senão erros: alguns deles se revelara, úteis e ajudaram a conservar a espécie: quem com eles deparou, ou os recebeu como herança, foi mais feliz na luta por si e por sua prole. Esses artigos de fé, que foram continuamente herdados, até se tornarem quase patrimônio fundamental da espécie humana, são os seguintes, por exemplo: que existem coisas duráveis, que existem coisas iguais, que existem coisas, matérias, que uma coisa é aquilo que parece; que nosso querer é livre, que o que é bom para mim também é bom em si. Somente muito depois surgiram os negadores e questionadores de tais proposições – somente muito depois apareceu a verdade, como a mais fraca forma de conhecimento. Parecia que não éramos capazes de viver com ela, que nosso organismo estava ajustado para o oposto dela; todas as suas funções mais elevadas, as percepções dos sentidos e todo tipo de sensação trabalhavam com aqueles erros fundamentais, há muito incorporados. Mais ainda: essas proposições tornaram-se, mesmo no interior do conhecimento, as normais segundo as quais se media o que era verdadeiro e falso – até nas mais remotas regiões da pura lógica. Portanto a força do conhecimento não está no seu grau de verdade, mas na sua antiguidade, no seu grau de incorporação, em seu caráter de condição para a vida. Quando viver e conhecer pareciam entrar em contradição, nunca houve sérias lutas; a negação e a dúvida eram consideradas loucuras. (GC § 110)

Analisaremos este aforismo em três momentos, no primeiro, trataremos dos aspectos que refletem acerca de como Nietzsche pensa ser o conhecimento como mais um dos erros gerados pelo intelecto; no segundo, discutiremos como Nietzsche vê a relação entre conhecimento e vida enquanto uma forma de anti-naturalismo, e, enfim, no terceiro momento, traçaremos uma explanação de como os erros fundamentais do conhecimento fazem com que o próprio homem se engane acerca da sua condição e da sua natureza.

Posto isso, a primeira parte do trecho do aforismo 110, traz uma reflexão que põe o conhecimento em um patamar de produto errante da razão. Produto esse que ganha status de conhecimento a partir de um processo de incorporação na cultura humana. Dessa forma, Nietzsche considera toda maneira de conhecimento humano como um erro do intelecto. Mas isso não significa que Nietzsche rechaça os avanços cognitivos e experimentais da ciência enquanto forma de conhecimento - já foi dito anteriormente que Nietzsche não é anti-ciência -, o que acontece é que Nietzsche rechaça as pretensões que o homem atribui ao conhecimento.

Nesse sentido, Nietzsche chama de “artigos de fé” as pretensões do conhecimento, que pensa existir coisas duráveis, imutáveis, iguais, ou que pensa as coisas como sendo idênticas à sua maneira de aparecer, ou que o nosso querer é livre, etc. Com essa proposição, no entanto, o filósofo da suspeita não quer dizer outra coisa senão que as pretensões do homem em acreditar piamente que conhece as coisas em sua essência ou verdade é o erro que a razão vem produzindo há tempos.

Assim, Nietzsche inicia o movimento de naturalização do conhecimento ao desmembrar o processo de criação ou afirmação do conhecimento como algo que,

consequentemente, traz à luz a verdade – que, para Nietzsche, não passa de mais uma forma fraca do conhecimento. Nesse sentido, o conhecimento, ou os artigos de fé, seriam uma espécie de ensinamentos ancestrais embasados na pretensão da razão em conhecer as coisas. Em outras palavras: todo tipo de sentença emitida pelo intelecto na pretensão de atingir a verdade sobre determinada coisa existente no mundo, como a matéria, a durabilidade de certas crenças ou conceitos, e a nossa própria crença de que temos uma vontade livre; todas essas sentenças seriam, para Nietzsche, erros produzidos pelo intelecto humano.

Nesse caso, segundo Nietzsche, toda essa pretensão de verdade do conhecimento não passa de regras e costumes que foram transmitidos no decorrer das eras até atingir status de verdade, e como podemos ver no aforismo 110 de GC, todo tipo de conhecimento possui raiz na antiguidade, e aí está sua força: na transmissão de algo regional e particular, isto é, em uma regra individual que por ser incorporada em sociedade que passa a alcançar status de regra universal, de lei, de verdade. Entretanto, para Nietzsche, todo esse esforço de canonizar o conhecimento e seus postulados, como a verdade - por exemplo -, apesar de possuir como utilidade a conservação da espécie humana, acaba por representar um estado anti-natural, já que, segundo o autor de *Zarathustra*, o conhecimento enquanto verdade possibilitou o surgimento de erros fundamentais para se pensar as coisas e o próprio homem, como exemplo, Nietzsche diz que conceitos como sabedoria, impessoalidade e universalismo, correspondem a um estado de erros oposto à natureza do homem. Nesse sentido, ainda que o homem se pretenda como sábio, impessoal e universal em sua maneira de intuir, no aforismo 110 de GC, Nietzsche diz que todas essas atribuições são um engano em relação a sua condição, conforme segue:

Os pensadores de exceção, tais como os eleatas, que apesar de tudo estabeleceram e se ativeram aos opostos dos erros naturais, acreditavam ser possível também viver o que era oposto: eles inventaram o sábio como o homem da intuição imutável, impessoal e universal, [...] eles criam que o seu conhecimento era igualmente o *princípio da vida*. Para poder afirmar tudo isso, no entanto, eles tiveram que se enganar e respeito da sua própria condição: tiveram que falsamente atribuir-se impessoalidade e duração sem mudança de compreender mal a natureza do homem do conhecimento, negar a força do impulso no conhecimento e, em geral, apreender a razão como atividade inteiramente livre, de si mesma originada. (GC § 110)

Este terceiro momento do aforismo 110 relata aspectos importantes para que se compreenda todo o debate até aqui traçado, já que agora não só o conhecimento é posto em debate, mas a própria natureza do homem. Sendo assim, Nietzsche estaria demonstrando como todo modo de especulação epistêmica ou não, mesmo com a aparência escamoteada pela falsa

intuição de verdade, é, em última análise, apenas uma forma falsificada de pensar as coisas e o próprio homem; e, que, sobretudo, todo erro da razão em tentar atribuir ao homem uma natureza sábia, impessoal e universal é, sob a perspectiva naturalista, uma forma de negar a vida.

Nesse caso, para Nietzsche, o erro do intelecto humano (como erraram os eleatas, por exemplo) está em acreditar que o conhecimento produzido é independente e, por isso, desconsidera a força do impulso como parte de si. Por isso, a razão é concebida como uma instância livre e autônoma, ou seja, que todos os produtos da razão seriam resultado de um processo totalmente *a priori* e não possuem qualquer relação de dependência com os instintos e impulsos humanos. Pensar, então, a razão como autossuficiente seria ignorar a condição do próprio homem e, seria também, negar a vida, os impulsos, a sensibilidade estética. Em outras palavras: significaria estabelecer uma luta entre a verdade como conhecimento anti-natural e a vida. Esta luta estaria configurada da seguinte forma: se o conhecimento como produto da razão é independente de qualquer impulso ou força fisiológica do homem, logo ele seria um agente que luta contra a própria natureza do homem, já que, Nietzsche, no aforismo 110 de GC, deixa claro que mesmo o conhecimento tenha como parte de si a força dos impulsos. Assim, negar a raiz formadora e o processo que ele percorre até ganhar o falso status de intuição universal e sabedora é lutar contra a vida.

Nesse contexto, a verdade sobre as coisas e, principalmente, sobre o homem ganha importância aqui, pois ficou claro até agora que há um caminho que permite uma discussão que parte da naturalização do conhecimento e finaliza-se na questão da verdade, que por sua vez é, intrinsecamente, em Nietzsche, um tema que traz a questão da linguagem à tona, pois, esta, como um conjunto de antropomorfismos metafóricos, é o que possibilita a compreensão de como a verdade é, em última análise, uma ilusão, bem como uma ficção. Nesse sentido, o que segue é o esclarecimento a partir de um debate sucinto do que é a linguagem para Nietzsche e como o esclarecimento do seu funcionamento traz consigo o esclarecimento do que é a verdade, para Nietzsche.

2. A QUESTÃO DA LINGUAGEM EM NIETZSCHE: A VERDADE COMO METÁFORA

Esta seção traz aspectos importantes acerca de como Nietzsche pensa a linguagem. Assim, este debate se vale de tudo que aqui já foi falado em relação ao *modo operandi* de Nietzsche, i.e., seu movimento de naturalização ainda aqui – principalmente aqui – está

presente: já que Nietzsche não invalida a linguagem ou propõe qualquer tipo de reformulação gramatical; o que Nietzsche empreende quando fala da linguagem é, sobretudo, uma também naturalização do que ela é, ou seja, assim como ele fez no aforismo 110 de GC com o conhecimento ao demonstrar que este é apenas um erro fundamental da razão, mas que apesar de possuir seu valor não consegue alcançar efetivamente o que se propõe: a verdade das coisas.

Desse mesmo modo, Nietzsche empreende uma espécie de naturalização da linguagem, portanto, não se trata de pensar uma outra forma de comunicação ou organização gramatical, mas, trata-se de compreender os equívocos da razão ao usar a linguagem para buscar verdades universais e explicações ultrasensíveis para a vida.

2. 1 A LINGUAGEM DENTRO DA PERSPECTIVA FILOSÓFICA DE NIETZSCHE

A questão da linguagem em Nietzsche pode ser encontrada de forma incisiva no escrito *Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra Moral* de 1873, esta obra representa, segundo Viesenteiner (2010, p. 57), “[...] uma das primeiras referências teóricas a propósito das relações da razão e o conhecimento, bem como as categorias ou faculdades mentais que fornecem um suporte epistemológico-metafísico para o conhecimento.” Tendo em vista a importância dessa obra para a compreensão de como Nietzsche estabelece sua visão sobre a linguagem. Por isso, esta obra servirá de base discursiva para o desenvolvimento da última seção deste artigo.

Primeiramente, devemos compreender a relação entre conhecimento, linguagem e verdade. Ora, o conhecimento já foi visto anteriormente como um produto da razão, pelo qual, segundo Nietzsche, o homem acredita conter alguma forma de efetividade da realidade. Nesse caso, o objetivo de Nietzsche com relação ao conhecimento não é, então, negá-lo ou repudiá-lo, e como diz De Barros (2020, p. 427), Nietzsche “[...] não busca negar a sua possibilidade, mas apartar desta noção interpretações intuitivas simplórias e essencialistas, confrontando-as à ‘descrição do espírito objetivo’”.

Mas para complementar a compreensão da relação entre conhecimento e linguagem a partir da perspectiva filosófica de Nietzsche, vamos analisar as suas próprias palavras:

[...] como ficam aquelas convenções da linguagem? São talvez produtos do conhecimento, do sentido de verdade: as designações e as coisas se recobrem? Então a linguagem é a expressão adequada de todas as realidades? Apenas por esquecimento pode o homem algumas vez chegar a imaginar que detém uma verdade no grau mencionado. Se ele não espera contentar-se com uma verdade sob a forma de tautologia, isto é, com conchas vazias, então irá permutar eternamente ilusões por verdades. (NIETZSCHE, 2007, p. 30)

Neste trecho de *Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra Moral*, Nietzsche relaciona conhecimento, linguagem e verdade, ao dizer que as convenções adotadas pelo homem através da linguagem seriam produtos do conhecimento, e, portanto, produtos da razão, que ao serem designadas ou nomeadas conteriam em si a verdade sobre as coisas. Em outras palavras, a relação pensada entre conhecimento, linguagem e verdade pela tradição filosófica busca através das designações das coisas - isto é, através da nomeação delas-, apreender a sua essência ou a sua verdade. Logo, percebe-se que a união entre linguagem e conhecimento na tradição é estabelecida pela questão da verdade. Entretanto, como mostra o supracitado texto de *Sobre Verdade e Mentira*, para Nietzsche, esta pretensão de verdade ou este impulso à verdade por via da linguagem e do conhecimento não passa de uma ilusão.

Para Nietzsche, então, a verdade como finalidade do conhecimento alcançado e canonizado por via da linguagem é apenas uma ilusão do intelecto humano. Ou seja, o homem nomeia as coisas e as conceitua a partir de um caráter universalizante, acreditando ter alcançado a verdade. No entanto, para Nietzsche (2007, p. 30), tal pretensão é, além de uma ilusão, um engano. Assim, dizer que a verdade é uma ilusão e um engano, apesar de parecer um movimento tautológico, possui suas diferenças. Da mesma forma que dizer que a verdade é uma ilusão e engano só é possível se se compreender naturalisticamente, que não há verdade universalizantes, que toda pretensão de apreensão das coisas a partir das suas designações não passa de uma convenção que, segundo Nietzsche, é um movimento do intelecto em prol da conservação da espécie humana.

Pensar a verdade como ilusão e engano é declarar que existem nomeações capazes de apreender a efetividade da realidade. Mas a diferença entre ilusão e engano está em entender a ilusão como a própria verdade e o engano como o resultado da ilusão de verdade. Conforme diz Nietzsche:

No homem, essa arte da dissimulação atinge seu cume: aqui, o engano, o adular, mentir e enganar, o falar pelas costas, o representar, o viver em esplendor consentido, o mascaramento, a convenção acobertadora, o fazer drama diante dos outros e de si mesmo, numa palavra, o constante saracotear em torno da chama única da vaidade, constitui a tal ponto a regra e a lei que quase nada é mais incompreensível do que como pode vir à luz entre os homens um legítimo e puro impulso à verdade. Eles se acham profundamente imersos em ilusões e imagens oníricas, seu olhar desliza apenas ao redor da superfície das coisas e vê “formas”, sua sensação não leva a verdade em nenhum lugar, mas antes se satisfaz em receber estímulos e tocar, por assim dizer, um teclado sobre o dorso das cosas. (NIETZSCHE, 2007, p. 28)

O homem iludido pela verdade, acaba tomando para si a vaidade ilusória de ser detentor do conhecimento e isso afeta-o em todas as esferas de sua vida. Assim, segundo Nietzsche, o homem atinge um grau máximo de dissimulação, sendo que a dissimulação passa a ser uma das principais características do intelecto ou da própria razão. Nesse sentido, o homem engana a si mesmo e esse engano reflete em todo o seu comportamento, mascarando tudo aquilo em que ele se propõe a fazer e realizar. Talvez por isso, as questões universalizantes da ética e suas doutrinas são coisas tão difíceis de se cumprir, por essa razão o que vemos, em sua maioria, são normas e leis que nem mesmo quem as propõe consegue segui-las à risca.

Para compreendermos de forma clara a relação entre verdade, conhecimento e linguagem, será necessário ocuparmos um pouco mais nas palavras de Nietzsche quanto à forma em que o homem usa as palavras para tentar exprimir verdades sobre todas as coisas. Além disso, devemos nos concentrar também em como a verdade surge como algo bom em oposição a mentira, mas que em última análise, ambos (verdade e mentira) são apenas convenções que o homem impõe socialmente para seu próprio benefício, vejamos como isso acontece a seguir:

[...] a legislação da linguagem fornece também as primeiras leis da verdade: pois parece, aqui, pela primeira vez, o contraste entre verdade e mentira; o mentiroso servisse das designações válidas, as palavras, para fazer o imaginário surgir como efetivo; ele diz, por exemplo: “sou rico”, quando para seu estado justamente “pobre” seria a designação mais acertada. Ele abusa das convenções consolidadas por meio de trocas arbitrárias ou inversões dos nomes, inclusive. [...] Num sentido semelhantemente limitado, o homem também quer apenas a verdade. Ele quer as consequências agradáveis da verdade, que conservam a vida; [...] frente as verdades possivelmente prejudiciais e destruidoras ele se impõe com hostilidade, inclusive. (NIETZSCHE, 2007, p. 39)

A verdade seria então uma forma de oposição à mentira não só como não-verdade, mas como uma forma prejudicial de designação. Ou seja, enquanto a verdade surgiu como uma convenção que busca a partir de designações benéficas, como, por exemplo, as nomeações: homem honesto, homem bom, homem rico, etc., a mentira seria a oposição contrária que designaria nomeações que não só prejudicam o homem em sua moral, como trazem consigo consequências não desejadas. Aqui, podemos inferir o seguinte: Nietzsche está denunciando naturalisticamente que não se trata e nunca se tratou do conteúdo de verdade das palavras ou da verdade que as nomeações carregam em si, com o pressuposto de que apreendem a essência das coisas; como se um homem fosse realmente honesto por natureza, e tal “honestidade” nunca fosse movida, sobretudo, por alguma forma de interesse.

Assim, este padrão segue para toda tentativa de apreensão da essência das coisas: nomeações, designações e palavras seriam então a principal via da dissimulação do intelecto que, em última análise, atua e trabalha apenas para sua conservação. O homem, dessa forma, não está interessado em uma verdade, de fato, ele busca apenas convenções que sejam para ele benéficas, mesmo que isso signifique acreditar em sua própria ilusão de conter a verdade das coisas, ainda que a consequência disso seja o engano, como acontece com os moralistas fundamentais.

As palavras, dessa forma, são a via principal pela qual a verdade e o próprio conhecimento atuam e se instalam na cultura humana. Entretanto, ainda devemos debater o que ela realmente ou naturalisticamente é para Nietzsche. Assim o processo de naturalização da linguagem é feito a partir das seguintes palavras de Nietzsche:

O que é uma palavra? A reprodução de um estímulo nervoso em som. Mas deduzir do estímulo uma causa fora de nós já é o resultado de uma aplicação falsa e injustificada do princípio da razão. [...] Falamos sobre uma serpente: a designação não tange senão ao ato de serpentear e, portanto, poderia servir também ao verme. Mas que demarcações arbitrárias, que preferências unilaterais, ora por esta, ora por aquela propriedade de uma dada coisa! Dispostas lado a lado, as diferentes línguas mostram que, nas palavras, o que conta nunca é a verdade [...]. (NIETZSCHE, 2007, p. 31-32)

A palavra, então, é resultado de um processo que se inicia como um estímulo nervoso e, portanto, possui origem fisiológica, mas que após isso, passa por uma série de “[...] transporte, [...] até diluir-se no âmbito das relações humanas, quando então já não guardam relação com o corpo” (BRAGA, 2003, p. 72) Aqui já podemos vislumbrar como Nietzsche direciona a crítica aos pressupostos de verdade através da linguagem, isto é, é expressamente quando a palavra surge como conceito e perde de vista suas bases fisiológicas que o homem passa a acreditar que ela possui a capacidade de captar a essência das coisas.

Ora, perder de vista sua base fisiológica não seria, afinal, o mesmo que pôr outra base de origem em seu lugar? Sim, pois o homem passa a acreditar que suas nomeações e conceituações captam a efetividade das coisas, como por exemplo, acreditar que a pedra é pedra por ser dura ou nomear uma serpente como serpente pelo simples fato de que ela serpenteia. Certamente, tais relações de características não são nada além de arbitrariedade ou nomeações antropomórficas:

Assim como é certo que nunca uma folha é inteiramente igual a uma outra, é certo que o conceito de folha é formado por arbitrário abandono dessas diferenças

individuais, por um esquecer-se do que é distintivo, e desperta então a representação, como se na natureza além das folhas houvesse algo, que fosse ‘folha’, uma espécie de folha primordial, segundo a qual todas as folhas fossem tecidas, desenhadas, recortadas, coloridas, frisadas, pintadas, mas por mãos inábeis, de tal modo que nenhum exemplar tivesse saído correto e fidedigno como cópia fiel da forma primordial. (NIETZSCHE, 2007, p. 35)

Nietzsche esclarece que estas são apenas nomeações ou conceituações arbitrárias e nelas nada há de verdade universal. Nesse caso, o que seriam então as palavras que tentam expressar uma verdade sobre os objetos, e o que seriam os conceitos? Sobre isso Nietzsche indaga da seguinte forma:

O que é a verdade, portanto? Um batalhão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, enfim, uma soma de relações humanas, que foram enfatizadas poética e retoricamente, transpostas, enfeitadas, e que, após longo uso, parecem a um povo sólidas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões, das quais se esqueceu que o são, metáforas que se tomaram gastas e sem força sensível, moedas que perderam sua efigie e agora só entram em consideração como metal, não mais como moedas. (NIETZSCHE, 2007, p. 36-37)

A verdade como finalidade, que o homem acredita atingir por via da linguagem é, sobretudo, para Nietzsche, um conjunto antropomórfico de metáforas e metonímia que sofrera uma série de transformações, adequações e transposições até ganharem forma de verdade e serem, enfim, canonizadas na cultura humana. Mas para Nietzsche, a verdade não passa de metáfora ilusória que só ganham força ou só conseguem se sedimentar através do tempo.

A linguagem como veículo para que o homem expresse e crie uma ideia de verdade já pode então ser, aqui, exposta de forma mais clara. Ora, esta seção apresentou a pretensão de relacionar linguagem, conhecimento e verdade. Agora sob o discurso da verdade como metáfora, enfim, podemos definir esta relação. Primeiramente, é necessário compreendermos que a linguagem não surge em prol da verdade, mas, ao contrário, a verdade que representa a partir da conceituação uma extensão da linguagem. Em segundo lugar, não é pretensão deste trabalho indicar ou fazer sugestões que levem ao entendimento de que Nietzsche pretendia criticar a linguagem para erigir uma outra forma de linguagem.

Isso posto, podemos então inferir sobre a linguagem a implicação de toda estrutura deste trabalho, pois tanto o conhecimento como forma metodológica de busca de resultados são uma forma de verdade, quer em âmbito científico ou não. Nesse sentido, tomamos o conhecimento não como fruto da ciência, mas como produto da razão que acredita obter

resultados efetivos sobre todas as coisas e objetos. A naturalização da linguagem, então, é o ponto de inflexão deste trabalho, justamente por reunir em si todos os aspectos aqui propostos e debatidos.

Com a linguagem o homem engana-se e ilude-se, e assim a dissimulação, característica da razão humana, atinge o seu mais alto grau, e a tal ponto que o homem, segundo Souto (2012), passa a existir socialmente e em rebanho, ou seja, o nível de engano e dissimulação é alto a ponto de fazer o homem perder de vista o aspecto fisiológico da linguagem, que é o impulso à conservação, e passa ao convívio convencional que gira em torno de convenções e nomeações e tem como base a verdade. Em outras palavras, o homem não possui como objetivo do conhecimento ou de qualquer outro processo racional a compreensão de si e de como ele mesmo funciona em sua origem fisio-psicológica, antes, ele está iludido na busca por aceitação no meio social e dentro do rebanho. (SOUTO, 2012, p. 221)

A mentira então surge como uma forma de não-verdade, mas que para Nietzsche, também é uma forma de autenticar a verdade como convenção social do rebanho, i, e., a mentira surge como uma forma necessária no estabelecimento convencional da verdade, pois, a mentira seria o discurso que não parecia com o discurso valorativo e aceito na sociedade de rebanho. Por isso, o homem vive em uma vida superficial, em uma série de atos dissimulados que não estão em busca de uma verdade primordial ou de algo que apresente efetivamente traços ou aspectos da realidade.

Por fim, a linguagem é uma expressão do impulso à conservação do homem e por isso é anterior ao conhecimento, à verdade e à mentira. Debater a linguagem, dessa forma, é considerá-la de suma importância não só para a compreensão do pensamento naturalista de Nietzsche, mas também é importante para se compreender o próprio projeto de transvaloração de todos os valores pretendido por Nietzsche.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou evidenciar o modo como Nietzsche debate a questão da linguagem em algumas de suas obras, a saber *A Gaia Ciência e Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra Moral*. Nesse caso, a pretensão deste artigo concentra-se na discussão sobre como, para Nietzsche, a linguagem e o conhecimento são incapazes de apreender a efetividade das coisas ou da realidade, falando de outra forma: Nietzsche estaria interessado em desmistificar questões da razão, como o conhecimento e a linguagem, e seu principal interesse

estará em demonstrar como tais pressupostos da razão são vias insuficientes na apreensão da efetividade do real. Por isso, de certa forma, Nietzsche estaria criticando o próprio uso da linguagem como via do conhecimento em busca da verdade última das coisas.

Posto isso, nossa discussão apresentou algumas fases, em que cada fase representa um aspecto do pensamento nietzschiano, a saber: 1) debateu-se acerca do traço naturalista de Nietzsche, i.e., nossa pretensão foi responder sucintamente que tipo de naturalismo seria o mais adequado à filosofia de Nietzsche. Assim, o debate buscou base no que pensa Schacht (2011) sobre o naturalismo de Nietzsche, e constatou-se que, para Schacht, o naturalismo de Nietzsche não pode ser confundido com o naturalismo cientificista, embora o filósofo também não pode ser taxado como um não-ciência ou anti-ciência. O que Schacht diz sobre a relação de Nietzsche e a ciência de sua época é que o filósofo aceita certos avanços e pressupostos metodológicos da ciência, mas não dá à ciência a última palavra sobre a explicação das coisas e do mundo.

Então o naturalismo de Nietzsche seria uma espécie de pensamento que tentaria retraduzir o homem na natureza. Tal sentença implica na desdivinização do homem, ou no passo decisivo do homem sem Deus e todo postulado que o criacionismo implica. Mas não apenas Deus deve sair do horizonte de compreensão do homem, ora, toda e qualquer forma de dogmatismo deve ser repellido: isso põe dentro do processo de naturalização toda literatura, seja filosófica ou não, que pretenda doutrinar o homem dando-lhe explicações que não sejam naturais.

A segunda fase deste trabalho tentou demonstrar como esse movimento de naturalização acontece na prática. Por isso, apontamos alguns aforismos que demonstrar como Nietzsche trabalha os temas da razão: conhecimento e linguagem. Tais aforismos serviram a dois propósitos: o de dar clareza à questão do tipo de naturalismo seria o de Nietzsche – isso foi visto no aforismo 109 de GA, e o de introduzir a questão da verdade como tema correspondente à linguagem. Sendo assim, a partir destes dois aforismos, já possuímos a base discursiva para emprendermos a discussão sobre a linguagem e sua natureza. Assim, a linguagem figurou como um produto da razão que tem seu início como um impulso ou estímulo nervoso, mas que perde de vista sua origem, perdendo-se entre transportes e adequações nominais. Remetendo-nos, então, à famosa posição de Nietzsche sobre a linguagem, ou sobre o processo de conceituação dentro da legislação da linguagem, ele diz: a linguagem produz não passaria de um imenso conjunto de metáforas, metonímias, antropomorfismo que fazem referência às relações humanas, uma vez que foram cristalizadas e canonizadas, por isso, para

Nietzsche, as verdades são ilusões das quais se esqueceu que o são. (NIETZSCHE, 2007, p. 36-37)

BIBLIOGRAFIA

BRAGA, Paula. A Linguagem em Nietzsche: as Palavras e os Pensamentos. *Cadernos Nietzsche*, n. 14, p. 71-82, 2003.

DE BARROS, Roberto de A. Pereira. A Intransponibilidade da Verdade e a Necessidade da Mentira em uma Perspectiva Nietzscheana. *Revista Lampejo*. vol. 9 nº 1 – issn 2238-5274. p. 414-433. 2020.

HEIT, Helmut. Perspectivas naturalizantes de Nietzsche em ‘Além do bem e do mal’. *Revista Dissertatio de Filosofia*, p. 229-255, 2015.

MURICY, Kátia. Benjamin e Nietzsche. *Síntese: Revista de Filosofia*, v. 20, n. 63, 1993.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*. Hedra, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich; DE SOUZA, Paulo César. *A gaia ciência*. Editora Companhia das Letras, 2017.

VIESENTEINER, Jorge Luiz. *Fisio-psicologia e linguagem em Nietzsche: um viés de crítica à racionalidade*. Princípios: Revista de Filosofia (UFRN), v. 17, n. 27, p. 53-74, 2010.

SCHACHT, Richard. O naturalismo de Nietzsche. *Cadernos Nietzsche*, n. 29, p. 35-75, 2011.

SOUTO, Caio Augusto T. LINGUAGEM E SUBJETIVIDADE EM NIETZSCHE E FOUCAUL. *Kínesis-Revista de Estudos dos Pós-Graduandos em Filosofia*, v. 4, n. 07, p. 219-234, 2012.

